

Escola, um processo de vida: complexidade e transdisciplinaridade em educação

Carolina Nunes Curado Parrode Diniz *

Fátima Cristina Silva Moraes **

Resumo

A escola é uma instituição educacional, social e cultural de importância universalmente reconhecida. É um lugar de vida. Espaço onde a existência se faz na construção do conhecimento, através de atividades de pesquisa, nos encontros entre as pessoas, em meio a relações complexas. No desenrolar do trabalho, abordamos a teoria da complexidade, do filósofo, sociólogo e epistemólogo francês, Edgar Morin, destacando o sujeito e a prática educacional. Em uma realidade complexa, identifica a criança enquanto participante da elaboração do seu ser, dentro de um processo onde constrói e reconhece sua realidade, numa dinâmica de vida de contínuas decisões, avaliações, retornos, e reflexões. Essa nova forma de se exercer o pensamento, compreende a criança como alguém capaz de tratar o real, de dialogar e de negociar com ele. As atividades foram propostas aos alunos da primeira fase do Ensino Fundamental com o intuito de engajá-los em um processo de articulação entre domínios disciplinares aspirando um conhecimento multidimensional da vida em sociedade.

Palavra-chave: complexidade, educação, transdisciplinaridade, criança, subjetividade.

School, a life process: complexity and transdisciplinarity in education

Abstract

School is a globally recognized educational, social and cultural institution. It is a place that promotes life. It is a space where knowledge is built through research activities, encounters between human beings in, exposed to complex relationships. In this particular work, we approach the theory of complexity by the French philosopher, sociologist, epistemological Edgar Morin, emphasizing the subject and education. In a complex reality the philosopher identifies the child as a participant in the creation of his/her own being. It is a process where the child gets to build and know his/her own reality living a dynamic life of continuous decisions, evaluations, returns and reflections. This new form of thinking looks at the child as someone capable of dealing with reality, being able to communicate and negotiate with it. The activities were given to students that are just starting middle school with the intention to encourage them to articulate through various subjects promoting multidimensional knowledge while living in society.

* Coordenadora da Escola Espaço Criativo (Goiânia/Goiás). E-mail: carolparrode@hotmail.com

** Diretora da Escola Espaço Criativo (Goiânia/Goiás). E-mail: cristinasilvamo-raes@hotmail.com

Key words: complexity, education, child, transdisciplinary and subjectivity

Escola, um processo de vida: Complexidade e transdisciplinaridade em educação

“A ciência pode classificar
e nomear um sabiá
mas não pode medir seus encantos.”
Manoel de Barros

A vida hoje reflete uma realidade complexa, múltipla, rápida, difusa, bruta, incerta. A contemporaneidade desafia diariamente a humanidade. É preciso entender esta dinâmica, sua multiplicidade para saber se situar e agir. Como satisfazer as atuais necessidades humanas e planetárias? A atualidade impõe a responsabilidade de adotar diferentes posturas e comportamentos diante do novo. Lançar mão da ciência e de todos os saberes científicos historicamente construídos, já não garante ou gera certezas. As ciências não são absolutas, elas variam, se refazem, ou se negam a cada nova descoberta ou invenção. A vida demanda a superação do modo de pensar dicotômico das dualidades (sujeito-objeto, parte-todo, razão-emoção) proveniente da visão disseminada por Descartes (2009), estimulando um modo de pensar marcado pela articulação e pelo pensamento complexo: “*A grande descoberta do século é que a ciência não é o reino da certeza. Ela se baseia, seguramente, numa série de certezas locais e especialmente situadas. A ciência é de fato um domínio de múltiplas certezas, e não o da certeza absoluta no plano teórico.*” (Morin, 2005)

O que existe de absoluto é o movimento, a transformação. A lógica da mente humana, muitas vezes, não permite que o ser humano haja frente à complexidade do mundo real em sua enorme velocidade de transformação e nos infinitos sistemas e fenômenos que o compõe. Por mais que se tente não se consegue reduzir esta multidimensionalidade a explicações simplistas, regras rígidas, e esquemas fechados de ideias. Isso significa o sucateamento e simplificação da própria existência humana. A realidade só pode ser entendida por um sistema de pensamento aberto, abrangente, reflexivo, flexível e sensível, o que configura uma nova visão de mundo, e consequentemente uma nova visão de educação. Uma educação que busca abranger as mudanças contínuas do real, sem negar sua multiplicidade e incertezas, numa concepção mais humana, que capacite a ver e viver melhor a verdade.

A palavra *complexus* deriva do latim e significa ‘o que é tecido em conjunto’. Assim, o pensamento complexo de Morin possibilita compreender as dinâmicas da realidade e tem como objetivo a articulação entre domínios disciplinares que foram

quebrados pelo pensamento disjuntivo cartesiano, segundo o qual, quando se depara com um fenômeno, recomenda “*dividir cada uma das dificuldades [...] em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-la*” (Descartes, 2009). Segundo o próprio Descartes, parte da inspiração de seu método deveu-se a três sonhos ocorridos na noite de 10 para 11 de novembro de 1619: nestes sonhos lhe havia ocorrido “a ideia de um método universal para encontrar a verdade”.

Essa fragmentação teve como consequência o apego a uma lógica binária, cartesiana e simplista, e a partir dela, uma prática pedagógica também nesses moldes: simples-complexo, parte-todo, local-global, unidade-diversidade, particular-universal. O conhecimento e a realidade, objetos para serem compreendidos, foram divididos. Cristalizou-se a subdivisão do conhecimento em áreas, cada qual delimitada pelas fronteiras epistemológicas. Passou-se a vigorar o princípio da fragmentação, da divisão, da simplificação, da redução, que teve como consequência a descontextualização do agir pedagógico, em grades curriculares estáticas, cumulativas e desvinculadas do sujeito que aprende. Esse pensamento mutilador, levou a uma prática mutiladora; essa visão, sem textura e simplificadora, trouxe uma interpretação empobrecida e ilusória da realidade.

Morin, se propõe a dar conta das articulações entre os domínios disciplinares que são quebrados pelo pensamento disjuntivo, religando o que ele separa, de forma a promover a interação e a interferência entre os saberes: “*Complexidade é tecer junto, religar, rejuntar*” (Morin, 2015).

A complexidade percebe tudo ligado a tudo, afinal, numa rede de relações e interdependências, todo ser se singulariza e se distingue ao mesmo tempo. Essa reflexão reporta ao fato de que o ser humano não é somente biológico ou cultural. Sua natureza é multidimensional. Faz parte da espécie do homo sapiens, é membro de uma sociedade e é um indivíduo. Também Morin esclarece, que “*(...) há algo mais do que a singularidade ou que a diferença de indivíduo para indivíduo, é o facto que cada indivíduo é um sujeito*”. (Morin, 2005). O sujeito moderno é a sede de conflitos e antagonismos, sincronicamente belo e repulsivo, produtor e brincante, adulto e infantil, empírico e imaginário... ser diverso e mutante.

“*(...) para compreendermos o homem, devemos unir as noções contraditórias do nosso entendimento. Assim, ordem e desordem são antagonistas e complementares, na auto-organização e no devir antropológicos. Verdade e erro são antagonistas e complementares na errância humana. Precisamos de ligar o homem razoável (sapiens) ao homem louco (demens), ao homem produtor, ao homem técnico, ao homem construtor, ao homem ansioso, ao homem gozador, ao homem extático, ao homem cantante e dançante,*

ao homem subjectivo, ao homem imaginário, ao homem mitológico, ao homem crítico, ao homem neurótico, ao homem úbrico, ao homem destruidor, ao homem consciente, ao homem inconsciente, ao homem mágico, ao homem racional, numa cara com muitas faces, em que o homínido se transforme definitivamente em homem. Todos estes traços se dispersam, se compõem, se recompõem, consoante os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a incrível diversidade da humanidade...” (Morin, 2005)

O ser humano é unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, ideias e afetividade. É um *homo complexus*, dotado de múltiplas injunções contrárias. Vive na incerteza e no risco. Este sujeito complexo nas suas relações (com ele mesmo, com o outro e com o universo), quando alarga sua consciência de mundo e sua capacidade de reelaboração do pensamento, é capaz de perceber o outro no que difere dele, num movimento circular de ação, reflexão e ação, num movimento onde um modifica o outro e modifica a si mesmo, simultaneamente. Tal qual cantou Chico Science “*que eu me organizando posso desorganizar/Que eu desorganizando posso me organizar/Que eu me organizando posso desorganizar [...]*”.

O processo de auto-eco-organização se constrói na partilha, solidariedade e criatividade. No pensamento complexo, as contradições são vividas em busca do ser ético, do ser melhor. Opostos, diferentes e complementares se ligam numa trama multirreferencial que inclui possíveis objetividades e a subjetividades. São múltiplas e diversas as possibilidades de pensamento e de ciências onde o sujeito dialoga com o que é mítico, mágico, empírico, racional, lógico; dentre e entre as diversas áreas do saber, se inteirando da ordem e da desordem que organizam a vida para se pensar, pensar o outro e o lugar onde está.

Nesse processo, o sujeito está no mundo, mas o mundo também está no sujeito, em uma relação recíproca de constitucionalidade. O sujeito concentra em si um misto de autonomia, liberdade e heteronímia. Ele é auto-organizador de seu processo vital e não exclui a dependência relativa ao mundo exterior, aos grupos, a sociedade e ao ecossistema. A auto-organização é na verdade auto-eco-organização, porque a transformação extrapola o seu ser em um ciclo de formação e transformação da vida.

Morin considera que a humanidade atualmente vive uma agonia planetária, e adverte para a necessidade de uma tomada de consciência de que a ética, associada à solidariedade e a criatividade são os instrumentos que dispomos para que a os humanos automatizados, individualistas e egocêntricos possam ser e estar melhor no mundo, possam de fato, ser humanos.

Qual o papel da escola nessa construção? É necessário que a escola possibilite uma reflexão sobre as crises da humanidade, a fim de que o sujeito participe das

decisões sociais e políticas de seu tempo como cidadãos sociais, culturais e terrestres, resguardando o seu direito e a sua possibilidade de intervenção, transformação, emancipação e reconstrução. Incentivar e estimular esse direito de cidadania e esse dever do cidadão é função de toda organização de aprendizagem.

Essa é a função da escola que se pretende complexa, ética e solidária. Deve incentivar a comunicação entre as diversas áreas do saber e a busca das relações entre os campos do conhecimento, desmoronando as fronteiras que inibem e reprimem a aprendizagem. Trata-se da transcendência do pensamento linear que, sozinho, é reducionista. Transdisciplinaridade é a prática do que une e não separa o múltiplo e o diverso no processo de construção do conhecimento.

Por isso, a escola e tudo o que existe e acontece dentro dela se organiza e se desenvolve através de um Projeto agregador de desejos e possibilitador de autonomia, o nome do nosso Projeto é “Aldeia”. Nessa concepção, os alunos são agrupados em sistemas de trabalho para produzir e reproduzir a vida em sociedade. Irmanados pelo desejo de um mundo melhor, a comunidade escolar, constituída de familiares, alunos e equipe de profissionais, agem conscientemente na consolidação de um projeto educativo que zela pela coerência dos princípios e valores que os orientam e norteiam: “O melhor lugar é ser feliz”. (slogan da Escola Espaço Criativo)

A construção do conhecimento pode e deve ser acontecer dentro de uma prática que priorize a alegria e o prazer. A recompensa de viver, aprender e conhecer é a libertação e emancipação humana. O tempo e as atividades remetem a vida e suas potencialidades num modelo embasado na comunicação simultânea entre trabalho, pesquisa, estudo e lazer. Os alunos aprendem a privilegiar suas necessidades humanas, portanto, complexas, de amar, brincar, conviver, refletir, pesquisar, trocar, conversar, num diálogo com e na diversidade.

Edgar Morin considera o espaço de aprendizagem como um espaço de pensamento, de formulação, reformulação, de criação, em contextos complexos e significativos. O pensador não separa o múltiplo do diverso e acredita que dessa forma apreende o real a fim de se formar cidadãos aptos a enfrentarem os problemas de seu tempo. Morin (2004) coloca, ainda, a escola como instituição ao mesmo tempo conservadora, regeneradora e geradora. É conservadora porque integra, memoriza e ritualiza saberes, ideias e valores culturais; regenera, pois rediscute e atualiza saberes e os transmite às novas gerações; é geradora porque cria, elabora e processa novos saberes. Dessa forma, aponta para uma o ressurgimento do ser humano, da natureza, do cosmos dentro de uma realidade melhor e mais bonita.

A realidade, para ele é desprovida de fundamentos e de certezas absolutas. O

ser humano se sabe incerto, no que é, no que acredita e conhece. A escola, segundo Morin (2004) também deve trabalhar dentro desses princípios. Viver requer consciência dos limites, riscos e possibilidades. Esse exercício de compreensão é imprescindível para a ciência, pesquisa e para a vida em sociedade. Viver é aventurar-se, é contar com o incerto. O aluno tem que se saber em uma realidade insegura e duvidosa. Então, em épocas de tantas incertezas, melhor se amparar dentro de relações de cuidado e de afeto, refletindo sobre as ações com consciência ética, aceitando o outro e compreendendo-o de forma amorosa.

Durante a execução do projeto, a comunidade, dividida em grupos, é convidada a pensar sobre como veem e vivem a “Aldeia”, acessando de forma transdisciplinar as áreas do conhecimento para que os conceitos estejam estruturados em torno de uma aprendizagem funcional, rica e prazerosa (Fig. 1, 2, 3 e 4).



Fig. 1



Fig. 2

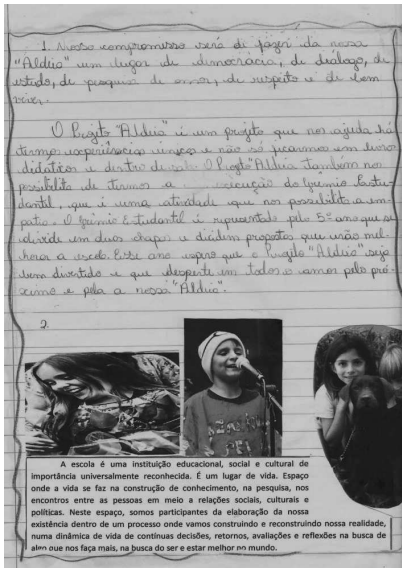


Fig. 3

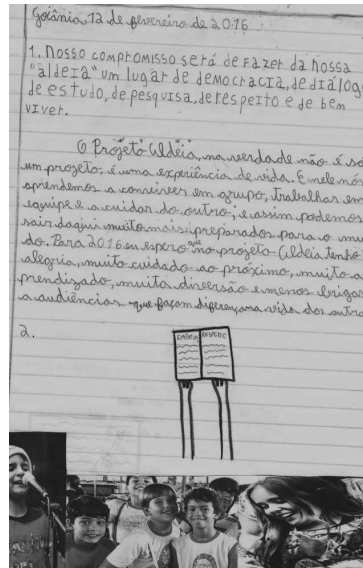


Fig. 4

Todas as ações de buscas e descobertas desvelam um método educativo em que o ato do conhecimento nunca se esgota, é permanente e vital. As aprendizagens nunca são mera transmissão de conhecimentos e informações. O professor também nunca se constitui em um simples instrutor. O educador é sempre um estimulador de pensamentos, e não está presente apenas para dar respostas prontas, e sim para fazer o grupo pesquisar, refletir, analisar, calcular, construindo um espaço de fomentação à pesquisa e de construção de conhecimentos com relações pautadas na ética, na tolerância, no respeito e na fraternidade, num constante exercício democrático. Como podemos constatar na Atividade Extra vivenciada nas figuras 5 e 6, intitulada “Elis e Nós”: “*estava faltando algo na escola e não era gente. Era a Elis. Ela trouxe mais amor, energia e uma super alegria para a nossa ‘Aldeia’*”. (Liz, 4º Ano A); “*a Elis é muito custosa, adora água e roubar os nossos sapatos!*” (Luisa, 1º Ano B).



Fig. 5



Fig. 6

Também em atividades de experimentação e vivência, os grupos identificam o papel de cada um, ao mesmo tempo em que estão intimamente ligados a práticas de liberdade, sustentabilidade e cidadania para que possam aprender e ensinar a vida com respeito, solidariedade, responsabilidade, cuidados com o ambiente, justiça, não-violência; comprometendo-se com o que acontece também na coletividade enquanto habitantes de uma “Aldeia”, de uma casa e de um planeta.

O Projeto “Aldeia” exige complexas elaborações que trabalham com o pensa-

mento e a ação. Justamente da maneira como essas relações se estabelecem é que resulta no modelo social, no sentido macro, a partir das crianças, que se deseja realizar, Daí a escola, como um dos primeiros modelos de vida em sociedade, poder possibilitar essa edificação. A ideia é promover, em meio à construção diária e paulatina de conhecimentos, a interação social criativa, dialética e amorosa, baseada no mundo melhor que se deseja.

O objetivo do Projeto “Aldeia” é desenvolver competências, habilidades e saberes através de princípios éticos que se expressem em situações reais, experimentadas e exercitadas em práticas autênticas de uma vida em sociedade, para que o aluno possa desenvolver sua capacidade de autonomia moral, isto é, sua capacidade de analisar e eleger valores, consciente e livremente, para o seu bem, para o bem do outro e do espaço em que vive, numa constante reflexão, repleta de ideias e ideais de um bom e bonito vir a ser.

A “Aldeia” se constituiu dentro de um processo democrático, crítico, dialógico, complexo, dinâmico, de estudo e pesquisa, de intervenção e de auto superação; potencializando uma real transformação social e ambiental.

Professores, pais, alunos, todos os envolvidos no processo, contribuem, definindo passos a serem trilhados, demarcando, criticando e refletindo ações numa práxis dialética, por meio da qual se torna possível a lógica peculiar inerente ao encontro com o outro para falar e ouvir. Assim, a palavra-ação é transformadora do mundo, do ser e de si.

Em um primeiro momento o projeto subdivide-se em “*Abaetetuba*” (**Lugar de gente boa**), para promover o conhecimento acerca da Escola Espaço Criativo (história, fundação, séries, grupo de colegas e profissionais, funções, objetivos, projetos etc.), para que as crianças desenvolvam um senso de pertença e respeito a instituição de educação. Durante a realização, ainda são promovidas situações as quais as atitudes necessárias para o trabalho sejam desenvolvidas e mantidas.

Já em uma segunda etapa, denominada: “*Anauê*” (**Você é meu irmão**), as atividades privilegiam a construção de valores, de maneira que os mesmos sejam incorporados e vivenciados pelos alunos no dia-a-dia. Promovem ainda a construção do respeito mútuo no convívio constante entre aluno-professores, aluno-colegas e aluno-familiares para o convívio em sociedade. As crianças participem ativa e reflexivamente da elaboração das normas e regras através de um Código de Conduta produzido pelos alunos. Também perceberem o diálogo e a dialética como a melhor via para a solução de problemas e para o desenvolvimento da au-

tonomia. Os alunos desenvolvem uma consciência moral através da reflexão acerca dos seus comportamentos e concepção de valores como justiça, solidariedade, respeito etc., de modo a libertarem-se da coação de uma moral exterior imposta pela autoridade.

Em um último momento, titulado “*Baquara*” (**sabedor de coisas, sabido**), promove-se um clima de trabalho em que haja o prazer de executar, bem como de ajudar o próximo a pôr em prática os estudos e pesquisas. As crianças vão gradativamente, compreendendo a vida escolar como prática participativa em espaço coletivo, utilizando e aplicando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade democrática e solidária. Também desenvolvem habilidades para o trabalho individual e em grupo, sabendo lidar com a diversidade de opiniões, crenças e jeitos de ser. Desenvolvem habilidades e saberes de forma a atuar em sua realidade sócio-ambiental, agindo na edificação de um espaço e de uma sociedade ecologicamente correta e sustentável. Resgatam o contato e a vivência direta com os elementos da natureza em vivência sensoriais em espaços como horta, jardim e viveiro de animais em atividades práticas e contextualizadas. Encontram ainda, alternativas para o consumo exagerado que tem como consequência a degradação dos recursos naturais e a poluição do ar, das águas, do solo, dos alimentos, sonora e visual, vislumbrando soluções no seu espaço individual, na escola ou em casa. Desenvolvem, assim, a consciência de que somos seres integrantes da natureza e que estamos ligados a todo o universo.

Grupos de atividades da Aldeia

Sistema Político (Grêmios estudantis)

Participantes: alunos do 5º ano.

Professores e alunos criam uma forma de governo por meio do qual se organizam para administrarem democraticamente a “Aldeia”. O Grêmio representa os interesses dos alunos que propõem a discussão e implementação de ações tanto no ambiente escolar quanto na comunidade à qual a escola pertence. O professor participa organizando essas ações de acordo com o interesse dos alunos, buscando junto a eles, parceria com todas as pessoas que participam do cotidiano escolar: diretores, coordenadores, professores, pais etc. O grêmio atua em atividades culturais, artísticas, esportivas, sociais, políticas e comunitárias.

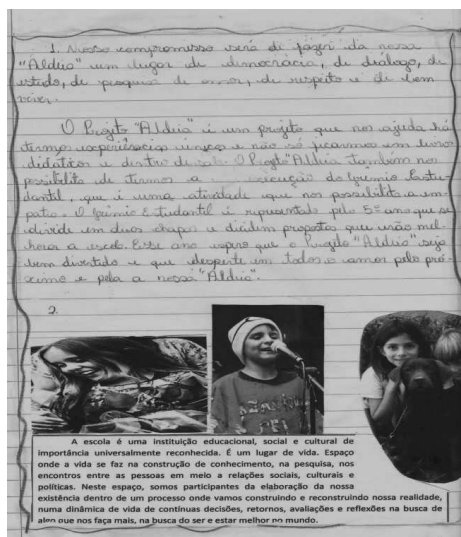


Fig. 7



Fig. 8

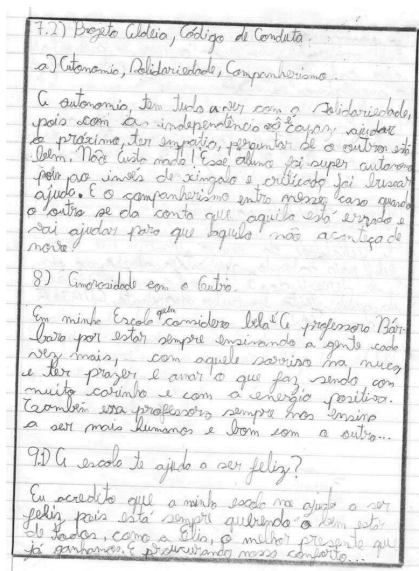
“Dentro do ‘Projeto Aldeia’, nós, do 5º ano, fomos escolhidos para formarmos um Grêmio Estudantil. Com o Grêmio experimentamos participar de um governo e também aprendemos a olhar com outros olhos para os outros. Então, nós decidimos fazer um bazar de livros.” (Júlia, 5º ano“A)”

Sistema Legislativo e judiciário

Participantes: alunos do 4º ano.

Os alunos constroem, organizam e reorganizam um código de leis seguindo etapas de discussão, votação, aprovação, promulgação, publicação e vigência. Depois de aprovado, é também de responsabilidade do Sistema Judiciário garantir junto com a direção e coordenação, o cumprimento ao código. Em assembleias discutem e propõem medidas disciplinares de forma respeitosa e afetiva.

“Eu me senti uma juíza lendo o Código. Foi importante para nós porque pudemos dar sugestões para as emendas ou suprimir artigos que não tinham mais necessidade.” (Anna Júlia, 4º Ano “A”); “Eu falei, escutei, concordei, discordei e aprendi.” (Heloisa, 4º Ano A).



Sistema de Comunicação

Participantes: todos os alunos do Ensino Fundamental

Semanalmente um aluno de cada sistema da “Aldeia” desenvolve um plano de ação para divulgar através dos meios de comunicação (filmes, fotografias, relatórios etc) tudo o que acontece. É um sistema ativo e atual, periodicamente alcançando a comunidade em geral.

Sistema de cuidados com o ambiente

Participantes: alunos do 3º ano.

O grupo desenvolve ações que buscam alternativas para evitar o consumismo exagerado que tem como consequência a degradação dos recursos naturais e a poluição. Encontram soluções para poluição do ar, das águas, do solo, sonora e visual. Este grupo projeta campanhas de diminuição de consumo, tal como foi a “Feira do Desapego do Uniforme Escolar”. Uniformes doados foram reutilizados em um sistema de trocas. Cada família teve direito a uma peça de uniforme. Foi uma iniciativa para promover a sustentabilidade, atingindo toda a comunidade.



Fig. 12



Figs. 13, 14

“Nós lavamos as peças de roupas arrecadadas para que as famílias possam trocá-las entre si. As peças que não servem mais poderão ser trocadas por outras em perfeito estado. (Davi, 3º Ano “B”)

Este grupo também é responsável por acompanhar e fiscalizar a compostagem e a separação do lixo. Desenvolvem planos de ajuda para a manutenção da limpeza e organização da Escola. Os alunos, junto com a professora, acompanham a limpeza de cada ambiente, numa ação conjunta com o pessoal responsável por isso. Vivenciam situações de manutenção de instalações hidráulicas, pintura de paredes, noções de carpintaria, conserto de roupas de bonecas ou cortinas da casinha, construção de brinquedos, como o nosso Parque Sonoro, todo construído com materiais de reciclagem.



Fig. 15



Fig. 16

Horta, pomar e jardim

Participantes: alunos do 2º e 1º Anos.

O grupo está em constante contato através de vivências direta com os elementos da natureza, em atividades sensoriais em espaços como horta, viveiro e, jardim na práticas de plantio, cuidados e colheita. A horta, pomar e jardim são organizados e mantidos pelos alunos desse grupo através do monitoramento, desde estudos preparativos, pesquisa sobre as hortaliças e plantas em questão, seus períodos de plantio e colheita até a organização de uma banca de venda dos produtos em uma feira na Escola.



Figs. 17, 18

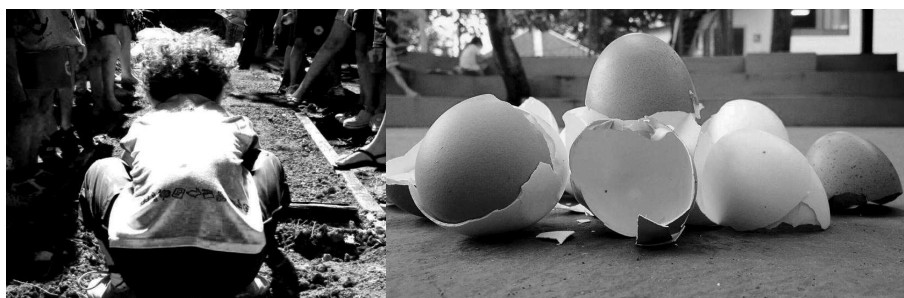


Fig. 19

Fig. 20

“O contato com a natureza é como o contato com a família, é essencial!” (Maria Luiza, 3º Ano A); “A terra é vermelha, cheia de misturas...” (Rhayca, 2º Ano A); “Na horta nasce a esperança.” (Bruna, 2º Ano A); “Ao botar minhas mãos na terra, eu senti a alegria da terra.” (Murilo Uchôa, 2º Ano A); “A terra nos mantém vivos.” (Isabeli, 3º Ano A)

Os alunos do 2º Ano estão contando com a colaboração das famílias na arrecadação de cascas de ovos para adubar a terra da horta: “Você sabia que a casca do ovo pode ter um destino bem mais proveitoso que a lata de lixo? Sim, ela pode! A terra!” (Luiza, 2º Ano B)

Sistema de produção de bens para consumo:

Participantes: os alunos que permanecem no programa Integral, todas as idades.

O grupo desenvolve um plano de ação para a produção de bens de consumo: brinquedos e produtos feitos com material reciclado para venda e/ou aluguel no bazar e eventos promovidos pela escola. A organização e manutenção do mercado serão de responsabilidade do grupo, que funciona também através de um sistema de trocas.



Fig. 20a



Fig. 21

Arte

Edgar Morin acredita que a arte é um elemento essencial para o desenvolvimento da condição humana, porque através da representação, a arte revela a vida em todas as suas conjunturas humanas. Os discursos líricos são espaços largos para o sensível. Assim, por meio da literatura, poesia, cinema, música, pintura ou escultura, a escola possibilita um profundo encontro com o humano. O que norteia o trabalho com arte é o estímulo da capacidade da criança em criar imagens, revelando a vida por meio de um olhar inaugural que subverte a aparente ordem natural do mundo adulto e da sociedade contemporânea. As são doutoras em “inventiones” e usam a arte para dizer o mundo sem o cansaço presente. Elas não têm o olhar costumeiro, e convidam a beleza e a delicadeza do que normalmente é desprezado na cultura atual.

A escola busca propiciar às crianças experiência estética, mediante a contemplação da arte. Levamos nossas crianças à exposição da australiana Patrícia Piccininni (Fig. 22, 23 e 24), Instituto Inhotim para contemplar o Projeto Arte 2015 que explorou a Arte Contemporânea (Fig. 25, 26, 27 e 28), Museu Bispo do Rosário, Exposição de Salvador Dali entre outros. Todas essas andanças aguçam o espírito criativo de nossas crianças e culminam em uma belo Circuito Científico-cultural no final do ano.



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24

O trabalho da Escola é dar sentido às produções escritas das crianças, fazendo com que transbordem com os assuntos que tem conteúdo afetivo para eles, como a experiência com a arte. Na visita ao Instituto Inhotim, Maria, do 5º Ano “A” escreveu que *“o poeta Ferreira Gullar fala que a necessidade da arte é a prova de que a vida não basta.”* Pedro Paulo, também do 5º Ano “A” encantou-se com a obra de Adriana Varejão: *“a obra de Adriana Varejão é feita de carne, é feita de gente e por isso é muito forte!”*



Fig. 25



Fig. 26



Fig. 27



Fig. 28

Em visita ao Museu Bispo do Rosário, Ana Beatriz destacou que *“Bispo do Rosário tentava organizar a bagunça da sua cabeça preenchendo os vazios do mundo através da arte.”* (4º Ano A.)



Fig. 29



Fig. 30

Na exposição de Salvador Dalí, nossos meninos compreenderam o sentido dos sonhos... “*Salvador Dalí mora dentro dos sonhos das pessoas.*” (Maria Luiza, 4º Ano A)



Fig. 31



Fig. 32

Avaliação

Ao final de cada semestre os grupos são avaliados pelos demais, se auto avaliam e são avaliados por seus componentes visando a correção dos desacertos de forma a encaminhar as ações para a conquista dos objetivos previstos e propostos. Nesse sentido, a avaliação funciona como elemento de integração e motivação para o processo de construção da “Aldeia”.

Assim, o pensamento de Edgar Morin contribui para se a educação a partir da perspectiva complexa, interligando os saberes apostando numa reforma do pensamento através de uma proposta de ensino pautada nas possibilidades de integração

dos conhecimentos. A criança ocupa um lugar privilegiado nessa proposta pedagógica. Por isso, todas as atividades e estratégias do Projeto “Aldeia” têm como objetivo central despertá-la para a pesquisa, para a capacidade indagadora e, sobretudo, para o prazer incorrutível que a construção de conhecimentos proporciona, sabendo que o exercício pleno da cidadania implica saber acessar e processar conhecimentos formativos e subjetivos, utilizando-o em prol do bem estar pessoal e coletivo. Desta forma, compete-nos primar pela dimensão ética da criança, que quer dizer a formação de valores e de atitudes, para que a mesma saiba atuar como membro ativo na sua comunidade. À escola também deve e pode contribuir para equacionar e resolver os desafios na defesa da natureza e da vida.

Por tudo isso é que o propósito deste fazer permeia e orienta as práticas educativas para além da concretização do planejamento e atividades aqui descritas, mas revelando-se nos outros projetos que se seguirão e, especialmente, nos procedimentos e atitudes diárias de cada aluno. A escola não desconsiderar que o *homo sapiens* é também *ludens, faber e demens*. Ele precisa brincar, aprimorar seu poder criador, seu senso estético e crítico, sua capacidade de introspecção e sua sensibilidade. Só assim pode mais e melhor desenvolver sua auto-ética para a construção de um planeta mais justo, igualitário e solidário para si mesmo e para os outros. A escola é lugar de alegria, de burburinhos, de pulsação, de riso de gente pequena ou grande que vibra cada feito, cada nova descoberta, enfim, escola é lugar de ser feliz!

Resultados finais

“(...) por toda parte, o erro, a ignorância, a cegueira, progridem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos”. Morin (2008)

O presente trabalho se configura como um relato de experiência, baseado em dados qualitativos sem a intenção da mensuração de fenômenos, mas sim o entendimento em profundidade destes. Visa demonstrar e analisar as práticas transdisciplinares, a partir da teoria da complexidade, subjetividade e transdisciplinaridade.

As crianças envolvidas nas práticas propostas são observadas como um todo e não reduzidas a variáveis dentro de um conjunto, onde o foco principal é a vivência que ela tem do fenômeno estudado e as aquisições de conhecimentos diários frente à realidade social que se apresenta à ela.

Contudo, diante da proposta do presente trabalho a metodologia adotada privilegia o universo de intersubjetividade criando condições para o surgimento da ob-

jetividade (Rey, 2005). A saber, segundo Rey subjetividade é a relação entre o sujeito e a sociedade, é a assimilação idiossincrática da realidade e a posteriori o retorno deste conteúdo ao meio social enfatizando a intervenção dos sujeitos na configuração social.

Assim, precisamente o que intencionamos em evidenciar com estes escritos é que a articulação entre as teorias da complexidade e subjetividade constitui a expressão norteadora de nossa prática educativa, com a primazia de um pensamento dialético, que expressa e constrói as ideias a partir do outro.

A perspectiva dialética, explicitada nesse relato de experiência transcende as limitações mecanicistas ainda recorrentes nos processos de ensino-aprendizagem, facilitando o desenvolvimento de um pensamento e uma prática com muitos pontos de convergência com o pensamento complexo tal qual conceituado por Morin, pois *“não se trata de retomar a ambição do pensamento simples, que era controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de tratar o real, de dialogar e de negociar com ele”* (2008).

Pensar o ser humano a partir de sua complexidade e subjetividade representa hoje uma alternativa muito forte na superação de quaisquer reducionismos de uma pedagogia ortopédica, pois a escola também se apresenta como um espaço qualitativo diferenciado e fundador de uma realidade outra. A compreensão acerca da subjetividade reconhece a importância da cultura e nos ajuda a compreender o caráter social dos fenômenos e processos ligados à aprendizagem.

Diante dos frutos colhidos pela nossa prática diária e tentando propor atividades que dão conta das articulações entre os domínios disciplinares, nos voltamos a nossa equipe e perguntamos: por qual motivo a fragmentação ainda se mantém nas escolas, não seria essa fragmentação a utilização degradada da razão? O modo mutilador e estanque de organização do conhecimento é capaz de reconhecer e apreender a complexidade do real? Através dos resultados que colhemos de nosso fazer diário, concluímos que o que nos permite avançar é o jogo múltiplo das interações, é o desafio de manter uma visão holística ao mesmo tempo em que damos conta do mergulho profundo nas áreas do conhecimento a que nos propomos tratar; enfim, sermos complexos sem superficialidade e permitir com que as práticas dialéticas civilize nosso conhecimento.

Referências

COLL, C., MARCHESI, A., PALÁCIOS, J. e colaboradores. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Vol. 1. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CASTRO, L. R. & Souza, S. J. *Desenvolvimento humano e questões para um final de século: tempo, história e memória*. Psicologia Clínica, 6, 1994.

COLE, M. & Cole, S. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DESCARTES, R. “*Discurso do Método*”. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2009.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

MORIN, Edgar. *Diálogo sobre o conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2015.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W., FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

REY, F.G. *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

BRYMAN, A; BURGESS, R. G., *Analysing Qualitative Data*, Routledge, 1996

WHO. *Global health atlas*. <http://apps.who.int/globalatlas/DataQuery/default.asp> (acesso em 16 de dezembro de 2010).

Recebido em: 14 abril 2016.

Aceito em: 29 abril 2016.